

A DESIGUALDADE DE GÊNEROS EM *LA MAJORITÉ OPPRIMÉE*¹: UM OLHAR BAKHTINIANO

Bárbara Melissa Santana²

Resumo

O presente trabalho se empreende na análise do sujeito feminino na contemporaneidade a partir de um recorte de cena do curta metragem *La Majorité Opprimée*, dirigido por Eleonore Pourriat e lançado em 2010 na rede social *Youtube*. É proposta uma análise da realidade social atual em diálogo com a crítica trazida no curta embasada pelos estudos bakhtinianos sobre a linguagem e os conceitos de sujeito, dialogia, enunciado e signo ideológico. Há como objetivo a discussão da formação do sujeito feminino em meio aos embates ideológicos abarcados nos estereótipos relacionados à figura feminina. A metodologia de análise do corpus é a dialética dialógica do Círculo de Bakhtin, partindo da análise do texto, seus níveis sincréticos, verbais e o diálogo destes com as ideologias em dialogia na esfera social.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Sujeito. Gênero (masculino e feminino).

GENDER INEQUALITY IN *LA MAJORITÉ OPPRIMÉE*: A BAKHTINIAN VIEW

Abstract

This paper is engaged to the female subject analysis in the contemporaneity from a *La Majorité Opprimée* cut scene. The short film is directed by Eleonore Pourriat and released on *Youtube* at 2012. It is proposed an analysis of the social actual reality in dialogue with the critic made in the short film, based on the Bakhtin Circle studies about language and de concepts of subject, dialogy, enunciate and ideological sign. The discussion of the subject construction in the middle of ideological struggles embraced by the stereotypes related to the female figure is the main goal. The corpus analysis methodology is the Bakhtin Circle dialectical dialogical, starting from the text analysis, its verbal and syncretic levels, and their dialogue with ideologies in dialogy in the social sphere.

Keywords: Bakhtin Circle. Subject. Gender (male and female).

Qualquer palavra, dita ou pensada, exprime um ponto de vista a respeito de vários acontecimentos da realidade objetiva, em diferentes situações. De fato, esta realidade não é imóvel, não é uma realidade estática como uma escultura de bronze; sem conhecer nem desenvolvimento nem movimento, o homem estaria imóvel. A realidade efetiva na qual o

¹ Link do curta metragem mencionado: <https://www.youtube.com/watch?v=4qw8kkcFuuE>

² Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis – São Paulo – Brasil. Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP- FCLAr. Mestre em Linguística e Língua Portuguesa e Licenciada em Letras - Português e Francês (2015) pela UNESP – FCL Assis. ORCID <<http://orcid.org/0000-0002-9673-7642>>. E-mail: barbaramelissasantana@gmail.com.

homem real vive é a história, este mar eternamente agitado pela luta de classe, que não conhece quietude, não conhece paz. A palavra, ao refletir esta história, não pode não refletir as contradições, o movimento dialético, a sua “constituição”. (Mikhail Bakhtin)

1 INTRODUÇÃO

“Olha o jeito que você se veste! Camisa curta, chinelos, bermudas antes do joelho!” (Figuras 1 e 2). Intervenção feita por Maryon aos 8 minutos e 24 segundos do curta metragem francês *La majorité opprimée*, dirigido por Eleonore Pourriat. As palavras remetem ao discurso machista de culpabilização da mulher em situações de agressão, assédio e estupro. Vítima de violência sexual, a personagem a qual se refere o enunciado é um homem, cônjuge de Maryon, que o busca no hospital após um longo dia em que ele cuida do filho do casal, é assediado sexualmente por mulheres ao andar desacompanhado pela rua e violentado após reagir ao assédio.

Figura 1. Cena da intervenção feita por Maryon



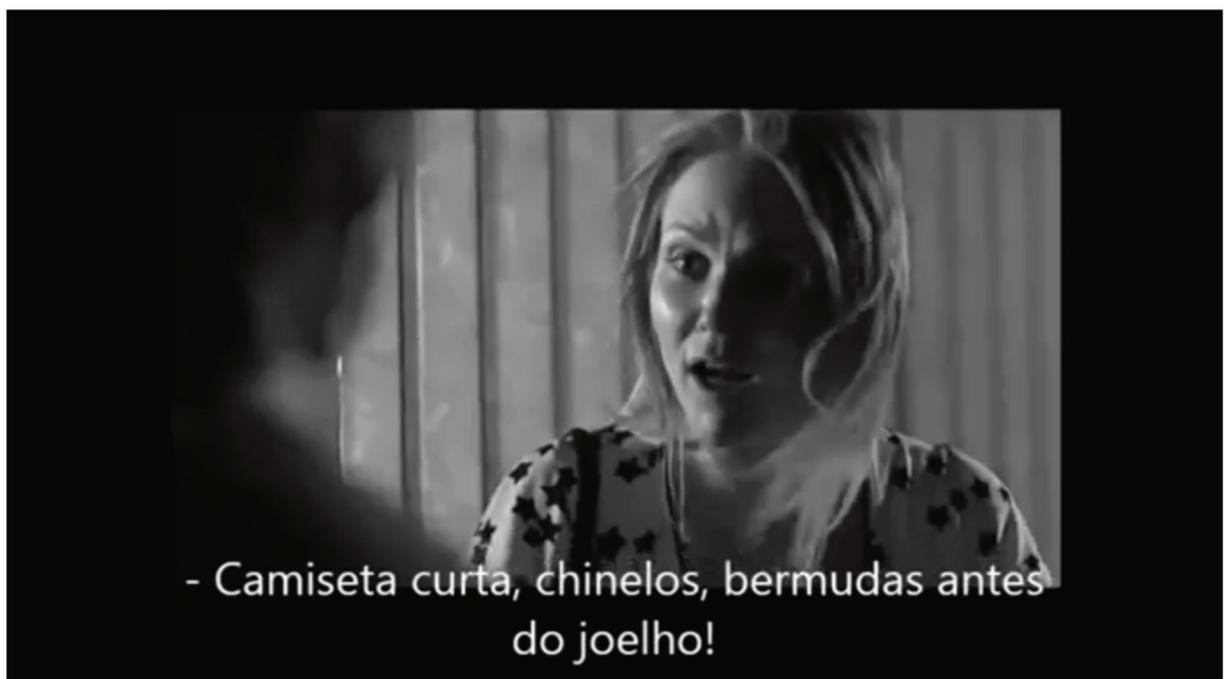
A cena supramencionada, assim como os acontecimentos do dia da personagem do filme engendram a discussão atual que se volta às desigualdades de gênero, parte real do cotidiano de milhares de mulheres Brasil a fora. O enunciado fílmico de Pourriat ironiza as

discrepâncias inerentes ao tratamento cotidiano da mulher mediante a inversão dos papéis de gênero, constituindo um quadro em que o discurso patriarcal de mulher como “dona de casa”, “mãe” e “objeto sexual” é salientado pela interpretação artística masculina de tais concepções de gênero femininas.

Dada a relação desigual entre gêneros feminino e masculino como um problema sociocultural arraigado ao sistema patriarcal, propomos, no presente artigo, refletir acerca desse horizonte ideológico, e a concepção contemporânea do sujeito mulher; considerando como base os estudos bakhtinianos em seus diversos conceitos e mais especificamente sobre signo ideológico e sujeito, no intuito de explorar as relações dialógicas que permeiam a crítica incutida no discurso em análise e constituição do sujeito contemporâneo homem e mulher assim como explorar as imagens construídas ideologicamente sobre a postura dos gêneros feminino e masculino.

Os desníveis sociais que abrangem o cotidiano feminino são demarcados em variadas esferas da atividade humana e perpetuados por discursos em embate. Os núcleos familiares e políticos, como exemplares de núcleos sociais, são permeados por discursos patriarcais que enclausuram a mulher e também o homem nos formatos tradicionais do patriarcado.

Figura 2. Cena da intervenção feita por Maryon



Na proposta do Círculo de Bakhtin, os conceitos encontrados ao longo da teoria se dispõem de forma dialógica, interligando-se uns aos outros de maneira irreparável. Assim, ao

falar de sujeito, integramos em nossas palavras os demais conceitos. Temos, portanto, uma teoria linguística que trabalha sobre a linguagem como condição viva e de significação. Ao engendramos os limiares teóricos bakhtinianos, concordamos com uma concepção de signo ideológico que, por assim se denominar, é atravessado por ideologias, atos valorativos, e desneutalizado. Tratamos de um signo em potencialidade, que adquire seu sentido na esfera única de sua utilização, no ato enunciativo. A enunciação, irrepetível e configurada em condições únicas de seu acontecimento, assim como contornada pelos valores trazidos no discurso dela emanados, é um dos elementos que antecede o sujeito.

2 O SUJEITO NA TEORIA BAKHTINIANA

Para o Círculo de Bakhtin, os estudos sobre sujeito se desencadeiam sobre um emaranhado de vozes disposto dialogicamente, fundamentado na relação de alteridade que se dá entre sujeitos e construções discursivas. Tomar o conceito de sujeito pelas reflexões bakhtinianas sobre tal incute falar sobre em sua pluralidade, em mais de um sujeito. Ao dispormo-nos a discuti-lo, deparamos-nos com um prisma de valorações, ideologias e discursos que se refletem e refratam mediante os enunciados. Tais refrações e reflexos, assim como transpassam os enunciados, também atravessam os sujeitos, configurando-os como tal. Torna-se sujeito a partir de seu ato, do exato momento e posicionamento social que se ocupa no tempo e espaço em que se encontra.

Diante desse horizonte de fatores que formam o sujeito bakhtiniano, justificamos a impossibilidade de abordar esse conceito em sua unicidade. Apoiamo-nos em uma teoria que trata da pluralidade do sujeito no sentido de sua formação subjetiva, sendo ele mais que “uma” voz dele mesmo, mas o resultado do encontro e diálogo de vozes que se dispõem historicamente e dialoga com seu momento presente. Assim, no curta metragem aqui estudado, quando Marion diz “Olha o jeito que você se veste! Camisa curta, chinelos, bermudas antes do joelho!”, suas palavras não representam objetivamente a opinião particular e única concebida pela personagem, mas a representação de diversas vozes, permeadas por interesses ideológicos. Quando fala, Marion ressoa um conjunto de vozes sociais.

Partindo da premissa de que o ato enunciativo é ponto de reflexo e refração de discursos, o enunciado em questão reverbera um conjunto de valores de cunho machista, que analisado no recorte dessa cena, denota um tom crítico ao conteúdo machista que o contorna.

Na fala de Marion, é exposto um valor machista, que, no conjunto que a engloba, como recorte de um enunciado verbocovisual – que aqui é o curta metragem *La Majorité Opprimée*, um enunciado que critica o machismo a partir da inversão de uma realidade social -, prega uma crítica ao machismo recorrente na sociedade contemporânea.

O caráter constante de formação do sujeito é um aspecto relevante aqui, pois sendo ele social e concebido por diálogos sociais que contatam seu mundo exterior a todo instante, concebe-se um sujeito que altera o mundo ao seu redor à medida que também ele é alterado por esse mundo.

O sujeito, inserido e concebido pelas relações sociais que o atravessam, reconhecido como sujeito bakhtiniano mediante seu ato responsivo e responsável. É mediante o ato que o sujeito concretiza o embate com seu *outro*, e é a partir desse outro que o sujeito nasce. Brait (2005) aponta um “sujeito situado”, ao defender que Bakhtin concebe um sujeito construído nas relações sociais “Só me torno eu entre os outros *eus*. Mas o sujeito, ainda que se defina a partir do outros, ao mesmo tempo o define, é o “outro” do outro: eis o não acabamento constitutivo do Ser, tão rico de ressonâncias filosóficas, discursivas e outras”.

Ante tal reflexão, podemos nos calcar nas palavras de Geraldi “Toda ação do sujeito é sempre uma resposta a uma compreensão de outra ação e que provocará, por seu turno, novamente uma resposta baseada numa compreensão que sobre ela for construída pelo outro” (PAULA; STAFUZZA, 2010, p. 287). Cada momento e realização única do sujeito se dá em diálogo com o espaço e tempo que o envolve. Cada momento de vivência constitui um evento e, no evento, há a realização máxima do sujeito em sua natureza dialógica.

Na unicidade, dá-se o Ser-evento. Torna-se sujeito em uma sequência incessante de eventos, sendo assim impossível terminar-se. Ao longo das reflexões do Círculo, somos guiados a pensar em um sujeito que dialogicamente, molda-se de acordo com cada elemento que o contorna, e estes, devidamente ligados ao heterogêneo horizonte ideológico vigente, assim como às manifestações sociais, culturais e singulares de cada evento. E assim, podemos concluir, em concordância com os traços teóricos deixados por Bakhtin, que lidamos com um sujeito que não é terminado. A última realização desse sujeito não acontece, pois não há o último, já que o último pressuporia um fim e esse sujeito jamais terá um fim, um acabamento legítimo e perpétuo. O sujeito não morre, pois não é sujeito em carne e osso. Assim, como elemento valorativo, como discurso, o sujeito há de interferir incansavelmente em seus outros e ser por eles também renovado.

Entre tais levantamentos, reconhecemos o sujeito responsável, incompleto e responsivo. Sobre esses pilares, temos o sujeito e daí emergem as ligações deste com os demais conceitos bakhtinianos. Ele é responsável pois, consoante as palavras de Faraco (2009), que aludem ao texto bakhtiniano, “Bakhtin dirá, nesta mesma direção, que viver é tomar posição axiológica a cada momento; é posicionar-se frente a valores” (BAKHTIN, 2012, p. 153). Responsável pois se estabelece como sujeito a partir do diálogo e é por seus atos que se liga ao *outro*, e o ato, por sua vez, em sua natureza, é sinônimo de um posicionamento axiológico irrepitível e irrecusável, assim, o sujeito assume sobre ele responsabilidade e incorpora o caráter responsivo que concebe o ato e a si mesmo.

Não tenho álibi na existência: ser na vida significa agir – eu não posso não agir, eu não posso não ser participante da vida real. E essa obrigação decorre de eu ser único e ocupar um lugar único, irrepitível, insubstituível e impenetrável na parte de um outro. Sou insubstituível e esse fato me obriga a realizar minha singularidade peculiar: tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. (BAKHTIN, 2012, p. 154)

Nesse sentido, a enunciação, verbal ou não-verbal, pressupõe o sujeito, assim como ele é pressuposto pelos leques de sujeitos e discursos que o precedem. Tal pressuposição ocorre em razão das relações dialógicas do sujeito em seus atos enunciativos. Assim, o mundo do sujeito a partir do contato deste com o mundo. O sentido, a linguagem, ocorrem em decorrência da relação desse sujeito com seu *outro* que é o mundo. De tal forma, o sujeito se encontra na linguagem como ela também se encontra no sujeito.

3 UM POUCO SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO

Entendemos que para tratar das relações de gênero na contemporaneidade, reportar-nos à questão do sujeito bakhtiniano seja um dos pilares necessários já que por essa teoria discursiva entramos em contato com a potencialidade dialógica do sujeito e sua formação mediante ela. Essa potencialidade dialógica denota, em outras palavras, que o sujeito se forma a partir de seu *outro* sendo esse *outro* um ou múltiplos *outros*.

Consoante as palavras do filósofo russo, como já mencionado anteriormente, a constituição do sujeito se dá mediante a alteridade em torno de três *outros* que seriam “[...] eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro” enquanto “todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do

ato: valores científicos, estéticos, políticos [...]”, além de valores éticos, sociais e religiosos (BAKHTIN, 2012, p. 114). Os enunciados e discursos são exemplos de *outros*. Algumas teorias sobre gênero (masculino e feminino)³ apresentam certo diálogo com a questão discursiva de teoria bakhtiniana, desenvolvendo-se em relação com o discurso e a linguagem.

Partimos, neste estudo, do pressuposto de que a concepção de gênero significa mais do que os papéis sociais atribuídos ao sexo. Portanto, deixamos de lado as considerações sobre o sexo em sua natureza já que nossa abordagem se baseia em questões de gêneros, e levamos em conta a performatividade, termo emprestado por Judith Butler da teoria da performatividade linguística de John L. Austin. No campo dos estudos de gênero, para Butler (2010), a performatividade é um conceito que consiste em tratar do gênero como resultado performativo. Considera-se, nesse sentido, que se tornam gênero X ou Y ante as atuações performativas. Ao dizer que “[...] a formação jurídica da linguagem e da política que representa as mulheres como “o sujeito” do feminismo é em si mesma uma formação discursiva e efeito de uma dada versão da política representacional” (BUTLER, 2010, p. 18), a autora aborda a concepção do sujeito feminista, sobre o qual se volta parte de sua obra, considerando-o como o resultado das inferências políticas e culturais que, para nós, bakhtinianos, poderiam ser denominadas ideológicas, sociais e históricas. Assim, o sujeito feminista se constrói no embate com as formações discursivas que o delineiam, assim como ocorre com o sujeito mulher, o sujeito homem. A formação do gênero se desvincula da pressuposição natural de homem e mulher, deixando de alicerçar-se sobre ela e acontece a partir dos discursos e da formação cultural do sujeito. O sujeito mulher é então uma realização que se dá em razão do discurso, da linguagem.

Nesse sentido, temos que a concepção de gênero se dá em meio aos enunciados e discursos, assim como as ideologias e valores que os permeiam. A concepção mulher e os fazeres que a contornam são composições e valorações que emergem de acordo com a relação do sujeito com seus outros, com os discursos e a sociedade. O “ser mulher”, portanto, como concepção de gênero, é uma construção discursiva.

4 O SUJEITO MULHER EM LA MAJORITÉ OPPRIMÉE E NA CONTEMPORANEIDADE

³ A teoria sobre a qual se refere aqui é sobre gêneros masculino e feminino, não a teoria bakhtiniana sobre gêneros discursivos.

Tendo como ponto de partida a crítica trazida por Eleonore Pourriat em seu filme, delimitamos para o presente artigo duas cenas do curta metragem mencionado, no intuito de nos aprofundarmos na análise de construções culturais da mulher como “mãe/ dona de casa” e objeto sexual, aspectos abordados na pesquisa. A primeira cena (Figura 3), apresenta o protagonista em uma postura “maternal”, que, no enunciado em questão, pode ser tomado paternal, levada em consideração a inversão dos papéis que lhe dá tom.

Figura 2. Cena em o esposo cuida da criança e que, devido à inversão de gêneros, é ironizado o papel maternal da mulher.

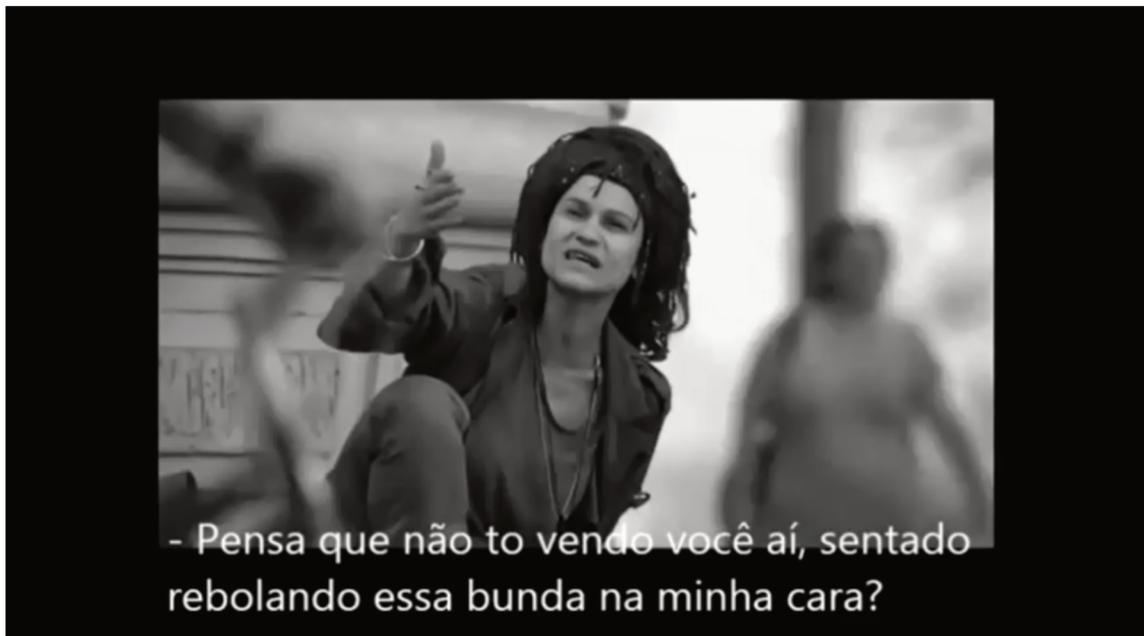


A segunda cena (Figura 4) trata da objetificação da mulher. Nela constatamos, a partir do diálogo entre as personagens, o homem como ser passível de sexo e disponível. O quadro às avessas sintetiza a realidade cotidiana da mulher que é abordada na cena em que o homem é assediado por uma mulher quando para na esquina e aguarda o semáforo abrir. O vocabulário com que o homem é interpelado é baixo e o desrespeita “Pensa que não tô vendo você aí, sentado rebolando essa bunda na minha cara?”.

Assim, a sequência de acontecimentos elencada para análise do filme se fundamenta primeiramente na imagem estereotipada da mulher maternal, comprometida aos papéis de “mãe” e “dona de casa” e, em segundo plano, o foco no assédio praticado pela mulher em uma esquina aparentemente movimentada, à luz do dia, cena que remete à realidade feminina

em seu cotidiano e ironiza a “naturalidade” como tais acontecimentos são observados socialmente.

Figura 3. Cena em que a mulher aborda o homem e remete à realidade feminina sobre tais ocorrências.



Ambas as cenas elencadas para análise direcionam a representações femininas que são tradicionalmente vistas com certa naturalidade por núcleos como família, escola, saúde e política, Aparelhos Ideológicos do Estado (ALTHUSSER, 1992). A ideia de naturalidade sobre a qual nos dispomos se empreende na análise específica de dois quadros protagonizados pela mulher já mencionados. O aspecto que chama atenção é o conjunto de expectativas depositadas ante tais construções de mulher. Propomo-nos a discutir, sobre a formação do sujeito mulher, se seria o desenrolar natural a mulher se casar, ser mãe e cuidar de sua família ou mesmo, se é natural a mulher ser assediada nas ruas, em festas e ser inserida no contexto familiar como passiva da palavra do “pai de família”.

Tais construções discursivas de cunho patriarcal e machista são os elementos chave que edificam as construções de mulher “mãe/ esposa” e “mulher objeto de desejo”. Recorrendo às reflexões feitas sobre a teoria do Círculo de Bakhtin sobre o sujeito, é a partir do *outro* que ele se constrói, pela linguagem, como ressalta Ponzio “Cada eu ocupa o centro de uma arquitetônica na qual o outro entra inevitavelmente em jogo nas interações dos três momentos essenciais de tal arquitetônica [...]” (PONZIO *apud* BAKHTIN, 2012, p. 23).

Tendo como momentos essenciais da arquitetônica eu-para-mim, eu-para-o-outro, o outro-para-mim, ainda sobre as palavras de Ponzio.

Assim, a constituição do sujeito mulher se dá na relação com o(s) *outro(s)*. O sujeito mulher se dá em sua relação com a sociedade, com os núcleos que a conduzem ao longo de sua vida, tais como família, escola, política. A construção do sujeito mulher é atravessada por valorações sociais, histórica e por ideologias, esta última que, por sua vez, configura-se em meio a um prisma de vozes e interesses de classes.

O sujeito mulher emerge entre múltiplos interesses sociais, históricos e ideológicos. Ele é a consequência - inacabável e em constante construção, como sujeito bakhtiniano - do diálogo do eu com o outro, os *outros*. Como resultado do encontro de diversos discursos e ideologias, temos as construções discursivas de mulher “mãe/esposa” e “objeto sexual”. Ambas as mencionadas construções, funcionam como indicadores no patriarcado. A mulher no patriarcado se vê entre esses indicadores. Espera-se que a mulher assuma tais indicadores. Está entre expectativas tradicionais, e claro, ligadas ao patriarcado, que a mulher seja delicada e heterossexual, aprecie rosa, saiba cozinhar, não chegue em casa tarde, “preserve sua imagem”, não fique trocando de namorados e arrume um namorado sério, que seja um “bom partido”, case-se e, na vida adulta, tenha filhos. Atitudes contrárias a essas, embora sejam aceitas, não condizem com a expectativa patriarcal sobre a mulher.

As características elencadas no parágrafo anterior se referem à mulher “mãe/esposa”. Ressaltamos que o “bom partido” não se refere apenas a um homem íntegro e que ame a mulher. Ao contrário, espera-se, em primeiro lugar, que o homem possa ser um bom provedor. É esperado que o homem seja a imagem representante do patriarcado: um homem que possa sustentar e cuidar da mulher, protegê-la e assegurar-lhe segurança. Listamos alguns dos pontos que configuram a imagem de “mãe/esposa” assim como salientamos as expectativas patriarcais que as embasa e reforça. O patriarcado em si, representa um horizonte ideológico.

Retomando um ponto anteriormente abordado, podemos tomar as ideologias como pontos de reflexão e refração de embates de interesse das classes sociais e tais ideologias atravessam os signos e os enunciados. Nessa direção, sendo a fala um canal de manifestação individual e um ato enunciativo, ela é atravessada por valorações. Os signos ideológicos, como espaço de confronto entre vozes sociais, permeia a questão do sujeito. Se entre a super e a infraestrutura existem forças que atuam, delas são oriundas as construções discursivas sobre

as quais falamos nesse artigo. Lidamos com uma via de mão dupla na qual o sujeito, em sua formação, é simultaneamente formado e forma. Forma-se a si mesmo a partir dos discursos (outro), e forma os discursos a partir de si (outro).

A fala, como ato individual e de caráter social, reverbera vozes, reflete e refrata valorações, exatamente por encontrar-se nesse meio. Assim, quando tratamos do machismo como uma formação discursiva que se dá em diálogo com discursos superiores, como situado em expectativas sociais, devemos acrescentar que, em contato com esse discurso, o sujeito nele se forma e aí ocorre um confronto de interesses. Em contato com as expectativas sociais, a mulher absorve o discurso machista, ou o confronta? Esse confronto entre vozes sociais é o elemento crucial de formação do sujeito que em meio aos seus outros.

Esse sujeito não tem álibi de sua existência. Responde aos seus outros e assume integral responsabilidade sobre o lugar em que se posiciona, como lembra Faraco (2009) “[...] viver é posicionar-se axiologicamente”, pois só se torna sujeito ante o ato, e o ato carrega em si valorações, o que podemos verificar nas palavras do próprio Bakhtin no trecho a seguir:

No interior do sistema, cada componente desta unidade é logicamente necessário, mas o sistema em si, no seu todo, é apenas algo relativamente possível; é somente em correlação comigo, comigo enquanto penso ativamente, somente em correlação o ato do meu pensamento responsável, que tal sistema se incorpora na real arquitetônica do mundo vivido, como seu momento, se enraíza na sua real singularidade, significativa como valor. (BAKHTIN, 2012, p. 120).

Ou seja, o sujeito feminino, é concretizado ao assumir um lugar axiológico e o sistema que o circunda, só existe no momento em que o sujeito se posta como tal e assume suas escolhas. Podemos retornar à Figura 4 e o enunciado “Pensa que não to vendo você aí, sentado rebolando essa bunda na minha cara?” e estudar esse sujeito em seu posicionamento. No vídeo, o tom emotivo-volitivo demonstra a agressividade com que a mulher fala. Esse tom também exprime um valor no ato enunciativo e, nesse caso, a enunciação demonstra um posicionamento do sujeito. Um posicionamento que dialoga com discursos machistas, que pressupõem a mulher como objeto à mercê do homem. A mulher que anda em sua bicicleta é tomada, pela perspectiva machista, como “sentado rebolando essa bunda na minha cara”. O ato ingênuo da mulher é culpabilizado. A mulher é o alvo da culpa, mesmo que esteja simplesmente andando de bicicleta pela cidade à luz do dia. A ação do homem é naturalizada e “aceita”. De certo modo, podemos dizer que o assédio ao corpo da mulher seja esperado, já que recorrentemente, o conselho às mulheres é “não saia na rua com roupa muito curta, que

mostre o corpo”, “se dê ao respeito”. Ou seja, é esperado que se a mulher estiver na rua com uma saia curta, ela seja abordada com um palavreado machista desagradável.

A mulher deve se proteger dos possíveis assédios, enquanto do homem, é esperado que assedie e construa a imagem de masculinidade que abrange “pegar” muitas mulheres. Esses são alguns dos limiares sociais que englobam a formação do sujeito mulher mediante a ideologia patriarcal que atravessa discursos e enunciados, tais como a enunciação trazida na Figura 4.

5 CONCLUSÃO

Em consonância às reflexões realizadas sobre a concepção de sujeito pela teoria bakhtiniana e a ideologia patriarcal que permeia a formação do sujeito mulher na contemporaneidade, assim como as contribuições - embora que sintetizadas - às quais recorreremos nos estudos sobre gêneros de Butler, se torna possível, como resultado das reflexões aqui propostas, inferir que o sujeito bakhtiniano é o resultado interminável e constante de sua relação com seu(s) *outro(s)* e que a mulher, tomada como sujeito, é constituída em diálogo com os discursos que permeiam os enunciados e discursos que a formam.

Sobre as imagens femininas de mulher “mãe/esposa” e “objeto sexual”, acreditamos que sejam construções discursivas que ocorrem no diálogo contínuo entre os divergentes valores que se embatem nos diversos campos de atuação social. Os valores sociais que se confrontam no signo e no enunciado são o viés que viabiliza a construção do sujeito no quadro dialético em que se forma o sujeito bakhtiniano, entre seus diversos *outros*.

A movimentação dialético-dialógica entre as variadas valorações é o plano de fundo do discurso patriarcal, concretizado em atos e enunciações pelo ato e na fala do sujeito. Os estereótipos de mulher dona de casa/mãe, são performances de gênero condicionadas por formações ideológicas em embate nas esferas sociais. Cabe ressaltar que a construção do sujeito feminino não se dá de forma passiva, mas ativa e em constante diálogo. Ele não é apenas formado, mas também forma o seu *outro*, neste caso, discursos e sujeitos *outros*.

Por sua vez, o enunciado aqui analisado e o conteúdo por ele expresso é uma retomada e resposta a enunciados e discursos anteriores, assim como estabelece um gancho para enunciações posteriores. Ele sempre está em diálogo, a todo momento, no movimento

dialético dialógico do discurso. As reticências por ele despertadas são infinitas e de caráter ideológico variável. Ao invocar demais discursos, instaura-se um embate a partir do qual ocorre o encontro de vozes sociais de valor ideológico variável. Os valores em confronto em *La Majorité Opprimée* configuram um emaranhado de vozes que resgata e será resgatado por discursos múltiplos e que se constroem, tal qual é construído o sujeito mulher na vida real e na obra filmica analisada.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- BAKHTIN. M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João, 2012.
- BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.
- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010. Volume 1. *Série Bakhtin – Inclassificável*.